

A HERANÇA

A AVÓ MORREU e deixou-me a casa de Monte Gordo, a mim, que ainda sou tão nova para herdar.

Hoje, vinha no jornal da terra que tinha morrido dona Mercedes, nascida em Sanlúcar de Guadiana, filha de mãe espanhola e de pai português, oriundo de Alcoutim, que viveu entre o El Granado e a Mina de São Domingos até se casar com o meu avô. Tinha vinte anos quando veio morar com o marido para Vila Real de Santo António e tinha acabado de fazer trinta quando se instalou aqui, na sua casa de Monte Gordo, a casa onde viveu até ontem.

O que não vinha no jornal é que caiu morta nos braços de um amigo, o Eufrásio da Traineira, quando ele lhe veio trazer o peixe do costume à porta da cozinha. Como não sabiam disso, apenas acrescentaram que ela ia a enterrar no jazigo de família.

Do funeral, preferia nem falar porque a «cerimónia» foi sinistra. Tudo ao contrário do que ela gostaria, se é que alguém pode gostar do seu próprio enterro. A verdade é que eu não tinha muita experiência destas coisas porque até agora só tinha acompanhado «até à última morada» um colega meu da escola e uma empregada velha da minha avó, de quem gostava muito. É assim que as pessoas costumam dizer — «última morada», para evitarem a palavra cemitério. Mesmo a esses dois funerais a avó deixou-me ir contrariada porque dizia sempre que a morte não é coisa para crianças.

Muito menos devia ser coisa para ela, que pensava viver eternamente, com a sua vitalidade transbordante que não cabia nos anos em que cá esteve.

Mas toda a gente achou que tinha corrido tudo muito bem; tudo segundo as regras e as convenções que ela tanto detestava.

Eu também detestei, mas tenho de agradecer à tia Becas, cunhada da minha avó, a guardiã da etiqueta, a mestre-sala dos velórios, que se ocupou da cerimónia e das diligências correlativas enquanto eu não chegava de Lisboa e o meu pai não vinha de Sevilha com a sua nova mulher espanhola.

São seis da tarde, os últimos parentes acabaram de sair e eu, finalmente, fiquei sozinha cá em casa, para grande preocupação das pessoas, sobretudo do meu pai, que teve de regressar imediatamente a Sevilha porque estava a decorrer um congresso partidário no hotel de que ele é o director.

A minha mãe estava no Minho com o namorado quando se soube da notícia e por isso não conseguiu chegar a tempo, já que o padre foi inflexível no horário da missa de corpo presente.

— Se fosse por uma filha, ainda valia a pena esperar, mas por uma nora e ainda por cima divorciada do filho da morta, está fora de questão! — disse ele para a tia Becas, que até ficou aliviada porque assim não se juntavam no mesmo enterro as duas mulheres do meu pai, a velha e a nova. Como o meu irmão, Tomás, só amanhã é que conseguia avião, a partir de Viena, decidimos que era melhor que ele não viesse.

Sinto a falta deles todos, mas prefiro estar sozinha, sem ter de fazer conversa ou mergulhar em recordações de família e, por isso, recusei polidamente a oferta de toda a gente para me dar guarida ou fazer-me companhia.

A tia Becas insistiu imenso em levar-me para sua casa:

— Ficas lá o tempo que quiseres, que ainda és muito novinha para as coisas que é preciso tratar, um monte de papelada que nem imaginas.

Como eu recusei delicadamente, não resistiu a uma última recomendação:

— Não te esqueças de encomendar cartões-de-visita com tarja preta, em nome do teu pai, para se agradecer às pessoas que vieram ao funeral ou a quem mande os sentimentos por escrito.

Aparentemente, só a Maribel, a actual mulher do meu pai, compreendeu que eu queria ficar sozinha porque me disse:

— Percebo que não queiras ir connosco para Sevilha como o teu pai tanto queria mas, se quiseres, fico a fazer-te companhia.

Eu não quis. Foram-se todos embora, finalmente, e eu fiquei na casa que agora é minha por herança, mas que sempre considerei minha pela ordem natural das coisas. Fiquei na companhia de um bule de chá, das fatias dos bolos que sobraram do lanche que se ofereceu à família e dos quatro álbuns de fotografias que nesta casa sempre estiveram na gaveta de cima do aparador da casa de jantar.

NAMORO À ANTIGA

TODAS AS FAMÍLIAS TÊM OS SEUS ESQUELETOS NO ARMÁRIO. Algumas também têm belos maços de cartas antigas e muitos álbuns de fotografias.

A minha era uma dessas.

As melhores cartas da nossa família eram as que a minha bisavó Carmela escrevia ao marido sempre que estavam separados e que eu descobri no dia do funeral da avó Mercedes, na última prateleira do aparador da casa de jantar.

Não se pode dizer que fosse um esqueleto, mas não eram apenas cartas; era mais uma coisa carnuda e sumarenta porque, a julgar pelo que lá estava escrito, a bisavó era fresca.

Aos vinte e oito anos, Carmela já estava meio encalhada e a família achava que dificilmente se casaria. Não deixava de ser bonita, mas era muito voluntariosa e toda a gente lhe dizia que um homem espanhol quando se casa não é para andar às ordens de um sargento de saias.

De modo que, quando conheceu o meu bisavô Cristóvão, em Alcoutim, por altura das festas, fez-se dócil e recatada quanto baste, ao mesmo tempo que cedia aos avanços dele, na medida exacta que o decoro da época lhe permitia.

O bisavô, que nunca tinha tido uma namorada espanhola de boas famílias, gostou daquilo, daqueles jeitos dela, daquelas falsas negaças que as raparigas usavam, daquele que não, que sim, que nem pensar, que então está bem, mas só um bocadinho.